

**Desconstruindo Normatividades:
Uma Reflexão sobre conhecimentos
hegemônicos e excludentes na ciência**

*Deconstructing Normativities:
A Reflection on Hegemonic and
Exclusionary Knowledge in Science*

Katemari Rosa

[ORCID: 0000-0002-0539-4104](https://orcid.org/0000-0002-0539-4104)

Resumo

Apresento aqui uma reflexão sobre minha experiência como mulher negra na física, área vista como espaço de inteligência superior e dificuldade. A partir disso, questiono como o conhecimento científico é construído de forma excludente e opressora para vários grupos. Proponho um espaço para repensarmos aquilo que é visto como normativo na ciência, desde comportamentos e formas de expressão até os próprios saberes valorizados. Por fim, aponto o resgate de conhecimentos expropriados e o diálogo com outras epistemologias para desconstruir a norma hegemônica.

Palavras-chave: Conhecimento científico. Exclusão. Normatividade na ciência.

Abstract

I present here a reflection on my experience as a Black woman in physics, an area seen as a space of superior intelligence and difficulty. From this, I question how scientific knowledge is constructed in an exclusionary and oppressive manner for various groups. I propose a space to rethink what is seen as normative in science, from behaviors and forms of expression to the very knowledge that is valued. Finally, I point to the reclaiming of appropriated knowledge and dialogue with other epistemologies to deconstruct the hegemonic norm.

Keywords: Science Knowledge. Exclusion. Normativity in science.

Eu queria começar dizendo que estou feliz de estar nesta mesa com vocês e, também, de estar nesse encontro com pessoas que são minhas colegas e meus colegas de profissão e de atuação na área da divulgação científica. Quero também parabenizar a organização do evento por não só criar este espaço, mas também pela continuidade de organização desse espaço em que podemos discutir divulgação científica com quem faz divulgação científica. A verdade é que nós temos ainda poucos espaços, no Brasil, onde a gente faz essa discussão. Nós ainda estamos nos estruturando, em certa medida, enquanto área e enquanto pessoas que fazem divulgação científica. Então esse espaço é muito importante para isso.

Eu pensei assim... “O que eu vou falar nessa mesa?” Porque dá um certo pânico! Apesar de saber sobre o que a gente vai falar, são poucos minutos e sem qualquer recurso visual. Então fiquei pensando nessa coisa do normativo... desse lugar do normativo na ciência.

Eu pensei assim... “O que eu vou falar nessa mesa?” Porque dá um certo pânico! Apesar de saber sobre o que a gente vai falar, são poucos minutos e sem qualquer recurso visual. Então fiquei pensando nessa coisa do normativo... desse lugar do normativo na ciência.

Eu sou uma pessoa que gosta muito de falar de mim mesma, mas sem ser egocêntrica. Por isso resolvi falar um pouquinho sobre mim, o que eu faço e sobre como é pensar sobre esse lugar do normativo da ciência. Vou fazer isso partindo de quem eu sou, sobre o que me coloca para falar disso, sobre como e de que lugar eu falo sobre isto. Assim, eu quero me apresentar novamente, para além da apresentação que já foi feita.

Eu sou Katemari, sou uma mulher negra, estou usando dreads, estou com um turbante colorido rosa, amarelo e azul, estou em uma roupa branca, um camião off-white, uma calça meio pantalona quase branca também e um top rosa. Eu moro em Salvador, na Bahia, e sou professora, no Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia.

Eu estou numa área, que é a física, que é essa ciência que as pessoas ficam surpresas! Todo mundo aqui sabe que tem essa coisa assim: “Nossa, física!”, “Nossa! É uma pessoa muito inteligente!”.

A gente tem esse discurso em torno do que é a física enquanto ciência e já tem um discurso em relação ao que é a ciência também! De que ciência é aquele conhecimento superior, que é um negócio difícil. E a física se coloca e é colocada como esse espaço da ciência que é o superior do superior. Dessa forma, são as pessoas mais inteligentes e é aquela área mais difícil. Isso é muito interessante, pois, por algum tempo, quando nós entramos no curso de física, normalmente nós também achamos essas coisas e, com o tempo, vamos aprendendo e convivendo em um espaço no qual essas imagens e esses discursos sobre o que é, quem faz e quem pode fazer física é continuamente reforçado. E, assim, vamos convivendo com pensamentos que reafirmam:

“eu comecei no lugar do supra sumo, o local dos deuses”; “aqui só tem as pessoas mais inteligentes do universo”; “o curso é muito difícil e você vai ter dificuldade mesmo nas disciplinas mais fáceis”; “você vai reprovar nas disciplinas porque isso é uma provação pela qual as pessoas têm que passar para mostrar o quão inteligentes elas são”; dentre outros. E, muitas vezes, a gente que está lá vivendo isso também acaba adotando esses mesmos discursos.

Lá pelas tantas, depois que comecei o meu mestrado, eu comecei a me questionar sobre isso. Eu, por exemplo, sou de Porto Alegre, embora agora more em Salvador. E Porto Alegre é uma cidade que tem cerca de 80% da sua população composta por pessoas brancas e 20% por pessoas negras. Quando eu cheguei em Salvador, para fazer mestrado, passei a morar em uma cidade em que 80% da população é negra. Hoje eu tenho consciência do que é ser uma mulher negra no Rio Grande do Sul e do que é ser uma mulher negra em Salvador. Mas essas relações e a minha percepção enquanto pessoa racializada não estavam assim postas de maneira evidente, nem dentro da formação do curso de Física e nem dentro da ciência de um modo geral. Isto é, a gente se acostuma a pensar sobre raça, pensar sobre gênero, pensar sobre classe, pensar sobre as nossas habilidades e deficiências, e achar que são coisas que não cabem na ciência. A ciência nos parece esse “conhecimento puro, acima de tudo” e, apesar de que eu não tivesse a ideia de que a ciência é neutra, eu não sabia que já tínhamos discussões sobre isso, e ainda não pensava sobre a questão racial.

Assim, apesar de ser essa mulher negra, com essa minha experiência, mesmo tendo essa vivência e a consciência da minha existência racializada no mundo, eu nem pensava sobre isso nesse espaço da ciência. Não é trivial a gente pensar sobre algumas dessas questões e sobre essas opressões nesse espaço em que estamos, mesmo que não seja da física — eu estou usando a física porque é da minha experiência e isso não é trivial.

Muitas vezes não paramos para pensar sobre isso e muitos elementos que envolvem nossa postura e nossa fala, como quando falamos de política pública e da representatividade, por exemplo. Nós não pensamos no quanto o conhecimento científico que gostamos — porque estamos em um evento de divulgadores de ciência por gostarmos de ciência! —, que valorizamos e que construímos se deu a partir de uma história que é excludente e é opressora. Por exemplo, no meu caso, o quanto do que eu faço e dos conhecimentos que ensino enquanto professora de física são opressores para vários grupos sociais que não estão ali naqueles espaços e que não estão presentes na construção desse conhecimento científico. Dessa forma eu fico pensando que falar no normativo é algo muito difícil para as pessoas que estão fazendo divulgação científica, porque o que nós temos que fazer, no final das contas, é questionar “o que é essa ciência que estamos querendo divulgar?”.

E faz parte, em muitos momentos, ter uma crise com essas questões. O que eu estou ensinando? O que estou querendo divulgar? Eu sou aqui uma agente do mal enquanto divulgadora científica? Mas se eu não divulgar essa ciência, o que vou divulgar? Qual é o conhecimento que é um conhecimento relevante para a gente pensar a divulgação científica e que vai deslocar esse lugar da norma — esse lugar do que é possível conhecer e de que formas são possíveis conhecer? O que é o conhecimento válido? E por que a gente valoriza tanto essa forma de conhecimento em detrimento de tantas possibilidades de conhecer, de viver, de se relacionar com as pessoas e de estar no mundo?

E eu não tenho uma resposta. Estou aqui pensando sobre o que nós fazemos e porque acho que é um desafio... Há vários caminhos, mas compreendo que temos que seguir trabalhando para pensar em mudanças. E quando falo sobre essas mudanças profundas, me refiro às medidas que começam conosco! Precisamos ter essa virada, essa consciência de que é essa ciência que gostamos tanto e queremos divulgar, dessa ciência que gostaríamos que todo mundo ficasse empolgado igual nós ficamos, temos que ter a consciência de que ela tem lados, práticas e ações muito bacanas e também muito problemáticas.

E com isso não estou dizendo que devemos descartar a ciência toda, tudo o que estudamos e tudo que fazemos tal qual conhecemos. Mas, sim, nos questionarmos de que forma podemos repensar essa ciência e de que forma podemos, também, resgatar conhecimentos que foram expropriados. Nosso trabalho também é trazer à tona saberes que foram roubados e escondidos ao longo da história da humanidade. Porque nós falamos muito da ciência moderna — que é muito recente — e nos esquecemos que o conhecimento humano, que começa a ser produzido quando começaram a existir os seres humanos, tem muito tempo. Mas nós viemos apagando tudo isso ao longo da história. Desse modo, esse resgate é um trabalho que, enquanto divulgadoras e divulgadores de ciência, precisa ser feito.

Eu pergunto a vocês: “o que vocês têm feito, se é que alguém tem feito algo, nesse sentido?” – de atuar na divulgação científica a partir das possibilidades de resgatar conhecimentos que ajudam a nos oferecer caminhos sobre o que é ciência, quem pode fazer ciência e, junto a isso, o que é o normal e o que que é normativo na ciência. Esse normativo não se restringe só ao ser homem, branco, heterossexual, cisgênero, classe média. É para além disso, porque sempre falamos centrando nisso: o homem, branco, cisgênero, heterossexual, etc.

Nós não deveríamos nem estar falando sobre o homem branco. Há várias outras camadas de coisas que nós colocamos como normal. Em termos de comportamento, o que é comportamento aceitável dentro da ciência? Que tipo de fala a gente acha aceitável?

Eu queria fazer algumas considerações sobre isso também. Em algum determinado momento da minha vida, eu entendi que tenho uma fala que indica uma coisa coloquial. Eu gosto de conversar e isso não é exatamente algo bem-visto, não é percebido como acadêmico. Eu não ligo, não me importo muito, eu falo assim. As próximas perguntas são: esse é um jeito possível? Por que esse não seria um jeito possível? Que coisas nós fazemos, enquanto praticantes da divulgação científica, que são colocadas como a única possibilidade para falarmos sobre ciência? Pra gente viver as ciências, não restringindo apenas à fala, mas também sobre como o nosso corpo experimenta a ciência, como a gente sente as coisas ligadas à ciência. Temos sempre que pensar sobre o que estamos fazendo e sobre como estamos contribuindo para a reprodução dessa opressão e dessa forma do normativo da ciência.

Existem muitos elementos para pensar o normativo na ciência e que, infelizmente, de alguma maneira, todo mundo que está aqui, está fazendo também. Todo mundo reproduz. E eu também! Como dizem, ninguém é aquele alecrim dourado, ninguém vive fora dessa sociedade. Então nós reproduzimos o normativo dentro da ciência; é preciso ter consciência disso e começar a pensar em mecanismos para mudar esse comportamento.

Estamos diante de questões estruturais; portanto, vamos conseguir acabar com isso mais facilmente quando nós eliminarmos a lógica capitalista, patriarcal e todas essas coisas que costumamos mencionar como importantes para mudar as estruturas. No entanto, enquanto nós não alcançarmos isso, nós temos que buscar outras formas de pensar o trabalho que fazemos.

Então, acho que é isso que eu queria propor com esse diálogo... Acho muito importante a possibilidade de poder conversar sempre que tem um monte de gente reunida, porque, diferentemente das redes sociais e da internet, em que frequentemente assistimos palestras de forma assíncrona, aqui temos a possibilidade de falar, ouvir, conversar, trocar ideias e experiências. Eu queria aproveitar o espaço presencial para ouvir também o que tem sido feito, quais possibilidades vocês imaginam, quais experiências concretas vocês têm para compartilhar e para que todos nós possamos tentarmos mudar.

Muitas vezes existem pessoas que estão fazendo mil coisas diferentes a respeito dessas questões e nós não sabemos. Além disso, às vezes essas coisas parecem ser super pequenas, por exemplo como quando eu comentei sobre a questão da forma que eu falo, que é pequena e muito simples, mas eu acho que está tudo bem falar assim, não é menos acadêmico ou menos científico, nem é motivo para ser um conhecimento menos valorizado. E pode haver outros modos de agir que podemos compartilhar para, inclusive, ajudar nossos colegas a pensarem suas práticas e mudarem quando perceberem que é necessário.

Assim, finalizo este meu breve momento de fala, deixando como reflexão as perguntas que fui trazendo ao longo da minha fala e com o desejo de escutar as experiências que vocês também trazem a partir da prática e da vivência de vocês. Obrigada.

Sobre a autora

Katemari Rosa

Docente e Pesquisadora do Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia
e-mail: katemari@gmail.com